Opinião Socialista

PSTU

Ano XIII - Edição 382 - Colaboração: R$ 2 - De 23/07 a 05/08/2009 - www.pstu.org.br

GRIPE SUÍNA

FORA DE CONTROLE

CAOS NA SAÚDE MOSTRA QUE O BRASIL NÃO ESTÁ PREPARADO.

A FESTA DO GOVERNO NO CONGRESSO DA UNE

PÁGINA 11

14 DE AGOSTO: DIA DE LUTA E PARALISAÇÃO

PÁGINA 13

HONDURAS: ENTRE A NEGOCIAÇÃO E AS MOBILIZAÇÕES DE RUA

PÁGINA 16

FANTASMA – Até o motorista do ex-deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ), pivô do mensalão, foi funcionário fantasma da Comissão de Infraestrutura do Senado até o dia 10 de julho.

ZUMBI – Como se não bastasse, o Senado bancou 291 passagens aéreas da cota de 11 ex-senadores, sendo que em dois casos os bilhetes foram usados mesmo depois de os congressistas já terem morrido.

PIRATAS NA AMAZÔNIA

Os trabalhadores fluviais e aquaviários estão denunciando a insegurança de navegar nos rios da Amazônia, devido aos ataques dos piratas. Eles abordam as embarcações, prendem os tripulantes na sala de máquinas e camarotes, saqueiam cargas e roubam os funcionários e passageiros. Segundo os trabalhadores, esses ataques já ocorrem há dez anos, mas a polícia e a Guarda Costeira só ficam a ver navios. A categoria exige uma providência do governo Ana Júlia (PT-PA) e do governo federal, que não investem em segurança nos rios da Amazônia. Os rios são as principais vias de transporte na região.

PÉROLA

"Quero aqui fazer justiça ao comportamento de Collor e de Renan (Calheiros), que têm dado uma sustentação muito grande aos trabalhos do governo no Senado"

PRESIDENTE LULA, em atitude de gratidão aos aliados (O Globo, 15/7/2009)

ROCINHA DOBROU

Nos últimos nove anos, a população da Rocinha, no Rio de Janeiro, dobrou. Apesar disso, a comunidade continua sem investimento em infra-estrutura. Em 2000, a comunidade tinha pouco mais de 56 mil moradores. Hoje vivem mais de 100 mil. De lá pra cá, os moradores percebem que a situação ficou bem pior. Na comunidade há revezamento para receber água nas casas. Os becos, as principais vias da comunidade, estão em situação deplorável. Os serviços dos Correios chegam a apenas 30% das casas.

CHARGE / AMÂNCIO

ENQUANTO ISSO, EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO...

VOCÊ VAI AQUI NA AV. ZÉ SARNEY, ENTRA NA RUA ROSEANA SARNEY, TEM O HOSPITAL KIOLA SARNEY E LOGO ADIANTE A PRAÇA MARLY SARNEY...

Amâncio 2009

PATROCÍNIO À CORRUPÇÃO

A Petrobras concedeu um patrocínio cultural no valor de R$ 1,3 milhão à Fundação José Sarney, responsável pela guarda de documentos no período em que o senador foi presidente da República (1985-1989). Mas parte do dinheiro (cerca de R$ 500 mil) acabou desviada para empresas fantasmas e outras da família Sarney.

PRESSÃO NA SCANIA...

Desde abril, os metalúrgicos da Scania no ABC Paulista estão sendo pressionados a aderir ao PDV (Plano de Demissão Voluntária) da empresa. Chefes de sessão chegaram até a ligar para a casa de funcionários em licença para pressionar a favor do PDV. Os metalúrgicos dizem que não têm o respaldo nem da comissão nem do sindicato. Os cerca de 500 trabalhadores que saíram de licença remunerada estão enfrentando um verdadeiro terrorismo. A Scania impôs que esses funcionários aderissem ao PDV ou seriam demitidos de qualquer jeito, sem o benefício.

...E NA VOLKS TAMBÉM

Outras fábricas da região também estão sofrendo com o PDV. A Volkswagen, ao mesmo tempo em que anunciou 200 contratações na planta de São Bernardo do Campo, abriu um PDV para 300 trabalhadores administrativos e horistas indiretos (logística, qualidade, etc.). De novembro de 2008 a julho de 2009, já são mais de mil trabalhadores que deixaram a empresa dessa forma. Já o ritmo de trabalho tem chegado ao limite. Enquanto isso, os patrões embolsam parte da redução do IPI, pois não repassam o desconto total para o preço final do produto.

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1° andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, 301 Centro (71) 3321-5157 *salvador@pstu.org.br*

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 60015-340.

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)- CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1° and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utingá - (91) 3276-4432

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Monte Castelo, 195 Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

Veja todas as sedes em www.pstu.org.br

EDITORIAL

QUANDO O REI FICA NU...

A exploração capitalista se impõe aos trabalhadores como algo "natural". As pessoas entendem a existência de donos das grandes empresas e operários como uma reprodução da desigualdade da natureza, da existência de animais maiores e menores, fortes e fracos.

A divisão de classes na sociedade capitalista é camuflada por inúmeras ideologias explicativas ou tranqüilizadoras, como "sempre foi assim" ou " você pode subir na vida se trabalhar muito".

Mas, volta e meia, a dureza da exploração capitalista e imperialista apresenta sua face revoltante. Caem os véus e o rei fica nu. Os trabalhadores olham, não só com raiva, mas também intrigados com tamanho abuso sem explicação. Rapidamente se colocam em marcha as máquinas de propaganda oficiais para "explicar" e adoçar os fatos.

Foi assim com o anúncio dos pacotes que somaram 13 trilhões de dólares dados pelos governos de todo o mundo aos banqueiros para evitar a quebradeira no sistema financeiro. Uma quantia absurda, inédita na história, difícil até de ser imaginada. Essa soma, que poderia ter sido usada para acabar com a fome no mundo, foi entregue aos banqueiros ricaços, os mesmos que agora anunciam o retorno de seus lucros.

O que causou indignação no início agora é entendido pela maioria das pessoas como "necessário" para evitar a crise. Mas ela segue e vai se aprofundar muito mais. Quem se salvou temporariamente, na verdade, foram as grandes empresas endividadas. Mas Barack Obama, Lula e os demais governos convenceram a maioria dos trabalhadores de que isso era "necessário".

Velório de vítima da gripe suína no Rio Grande do Sul

UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA

Agora, novamente, o rei está nu. A gripe suína se alastra, o governo perdeu completamente o controle da pandemia. Filas gigantescas nos hospitais comprovam a insegurança da população e o caos na saúde do país. Nenhuma explicação é dada pelo governo para o despreparo do país perante uma crise mais do que anunciada. O sucateamento da saúde pública por todos esses anos vem à tona e apresenta sua face cruel.

Mais ainda, a vacina que poderia evitar milhares de mortes não vai ser aplicada no Brasil neste ano porque os "países ricos" já compraram toda a produção de 1,8 bilhão de doses. E laboratórios multinacionais, como o suíço Novartis, já disseram que não vão "dar" a vacina aos países pobres porque "precisam de incentivos financeiros" (France Presse, 15/07). A vacina só será aplicada no Brasil no ano que vem, quando a epidemia já terá passado, mas a população dos países imperialistas vai poder utilizá-la agora para se prevenir da gripe antes da chegada do inverno no hemisfério norte. É a cara do imperialismo.

OS TRABALHADORES PRECISAM RECUPERAR A CAPACIDADE DE SE INDIGNAR

Indignar-se com o apoio financeiro sem fim dado às grandes empresas pelo governo, ao mesmo tempo em que este se recusa a decretar a estabilidade no emprego para os trabalhadores.

Indignar-se com as empresas, que elevam a produção, impõem um ritmo de trabalho infernal e não reajustam os salários.

Indignar-se com a corrupção deslavada de José Sarney na presidência do Senado, contando com o apoio aberto de Lula e o "deixar correr" da oposição burguesa.

Indignar-se com as filas nos hospitais e a expansão sem controle da gripe suína.

OPINIÃO

Sua casa, nossas vidas

ATNAGORAS LOPES,
do Sindicato da Construção Civil de Belém (PA) e da Conlutas

Em junho de 1998, em meio aos preparativos para mais uma campanha, Lula estava de mudança. Havia comprado seu apartamento, mas ainda dormia no colchão – a cama e os outros móveis estavam para chegar.

Onze anos depois, centenas de sem-teto acamparam em frente ao endereço do presidente em São Bernardo do Campo. Chegaram com lonas, panelas e colchões. Dormiram ali por seis dias. Suportaram o frio da madrugada, de seis, sete graus, e um ou outro xingamento de motoristas.

O MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) exigia a desapropriação e regularização

de terrenos, como o da ocupação Zumbi dos Palmares, em Sumaré (SP). As famílias ameaçadas levaram uma faixa com os dizeres "Nossó Despejo, Nossa Morte".

O plano de habitação de Lula foi lembrado. *"A inscrição é em cada prefeitura. Isso vai acabar em curral eleitoral"*, afirmou à imprensa Zezito da Silva, do MTST. Em carta, o movimento disse que o "Minha Casa, Minha Vida" não atendia a quem luta e precisa de moradia. *"As construtoras, que tanto já ganharam em cima de nosso suor, só têm apresentado projetos para pessoas de renda média e alta"*, dizia o texto.

Pessoas que vivem como Lula: sala com dois ambientes, três quartos (uma suíte), outro reversível, copa, lavanderia e uma escada em caracol para um salão de festas particular. Com 186 metros quadrados, a cobertura do presidente poderia muito bem estar entre os projetos das construtoras que disputam financiamento público.

Mas Lula não estava em casa. Na Itália, acompanhava o G8. Não viu quando os cinco primeiros sem-teto se acorrentaram e nem como, nos dias seguintes, um a um, outros três se juntaram ao grupo. Só após quase uma semana e algumas vitórias, o grupo abandonou as correntes.

Os sem-teto, assim como os operários da construção e a maioria de nós, não têm nada a perder. A vida aqui embaixo é completamente diferente da dos poderosos. Não tem nada a ver com a realidade dos donos da construtora Abyara, que pedem verbas da Caixa em encontros na mansão do presidente do Senado. *"É coisa grande"*, anuncia por telefone o filho de José Sarney, sem saber que era gravado.

É a senhores assim que Lula permanece preso, acorrentado. Como os sem-teto, ele também se prendeu porque quis. No entanto, não quer – e nem pode – se soltar.

40 ANOS DE STONEWALL
UMA LIÇÃO A SER RETOMADA

TRANSFORMADAS EM NEGÓCIOS, a maioria das paradas GLBT já não conseguem lutar contra a homofobia e reagir à violência. Por isso, é preciso resgatar o espírito combativo de Stonewall

BABI BORGES** e **ELDER SANO "FOLHA", da Secretaria Nacional GLBT do PSTU

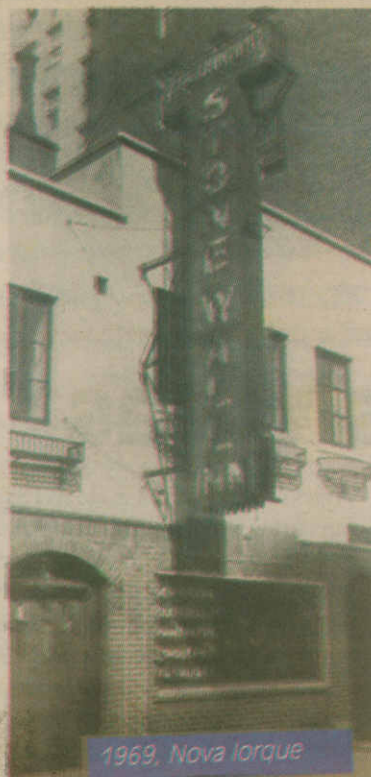
No dia 28 de junho de 1969, os homossexuais que frequentavam um bar chamado Stonewall Inn, em Nova Iorque, cansados da repressão que sofriam nas constantes batidas policiais, partiram para o confronto com a polícia e tomaram as ruas por quatro dias, armando barricadas e resistindo à violência do Estado. Um ano depois, mais de 10 mil homossexuais marcharam pela cidade comemorando o primeiro aniversário da rebelião de Stonewall e reafirmando sua capacidade de organização para lutar por seus direitos.

A partir de então, o dia 28 de junho passou a ser o dia do Orgulho Gay e o exemplo foi seguido em diversos países. Nesse dia, os homossexuais afirmam sua história de resistência e combate à homofobia. Com isso, surgiram as famosas paradas e o movimento homossexual atual, que impôs transformações à sociedade, derrubou leis anti-homossexuais e conquistou alguns direitos em diversos países.

Infelizmente, as paradas vêm sendo transformadas em um carnaval fora de época, com patrocinadores e governos, os mesmos que promovem a homofobia pelos 364 dias restantes no ano. Desta forma, o processo de institucionalização e mercantilização vem apagando o caráter combativo de Stonewall.

Em São Paulo, esse processo é muito avançado. A maior parada do mundo foi praticamente privatizada pela Associação da Parada, uma ONG que se apropriou da manifestação pública e atua como uma promotora de eventos. No ano passado, traindo a origem do movimento, essa entidade se utilizou da violência policial para impedir que um carro de ativistas participasse da parada, com desculpas burocráticas esfarrapadas e injustificadas. Alguns foram presos e vários se machucaram. Isso deixou claro que a parada não cumpre mais o papel de organizar os homossexuais e fortalecer sua luta. O sentido do evento estava claramente subvertido pela sua direção que, ao promover a intolerância, mostrou que não serve para combatê-la.

ATAQUES E RESPOSTAS

Neste ano, a parada de São Paulo foi acompanhada por um triste episódio de homofobia. A explosão de uma bomba feriu pelo menos 30 pessoas ao final do evento, num local tradicionalmente frequentado por homossexuais. Na mesma região ocorreu o espancamento de Marcelo Campos, um homossexual que acabou falecendo no hospital dias depois. Grupos de espancadores também agiram durante a própria parada, conforme pode ser conferido a partir de vídeos divulgados na internet.

É muito difícil imaginar que num ato com milhões de pessoas dispostas a protestar contra a homofobia, atitudes tão bizarras pudessem encontrar espaço para ocorrer ou permanecer sem resposta.

Em Curitiba (PR), a violência promovida por um grupelho neofascista em março deste ano teve a devida resposta. Os GLBTs se organizaram, realizaram atos públicos, debates, criaram um coletivo e seguem combatendo a homofobia. Em Porto Alegre (RS), a polícia promoveu, em junho, uma batida num local frequentado por homossexuais, dispersando as pessoas, agredindo e humilhando. Uma "miniparada" organizada por Conlutas, Desobedeça, PSTU e PSOL, apesar da humildade do nome, reuniu milhares de pessoas e mostrou que é possível tomar as ruas pelos nossos direitos, independente de governos e patrões.

Parada em Porto Alegre

Rebelião de Stonewall

1969, Nova Iorque

Infelizmente, temos muito mais a conquistar do que a comemorar. A ofensiva fascista aponta a necessidade imediata de uma luta ampla que responda aos recentes atentados homofóbicos ocorridos em São Paulo, Porto Alegre, Curitiba e em muitos outros lugares.

Após os atentados em São Paulo, a Associação da Parada realizou um ato com outras organizações que reuniu cerca de 300 pessoas e cuja estrutura era mínima - um microfone e um alto-falante -, enquanto o "evento-parada" conta com trios elétricos e milhões de pessoas. O PSTU e a Conlutas estiveram presentes nesse protesto. Nós do PSTU nos recusamos a encerrar esse assunto oferecendo bombas de chocolate (literalmente) aos agressores, como fizeram o Fórum Paulista LGBT e a Associação da Parada. Estamos dispostos a superar nossas diferenças e somar esforços com aqueles que são contra a homofobia, exigindo a identificação e punição dos agressores, o combate aos grupos neofascistas, e a responsabilização do Estado que, além de não assegurar a segurança da população, ainda promove a homofobia.

Queremos retomar a lição de 40 anos atrás, avançando em nossa organização e na aliança com os oprimidos e explorados, num movimento homossexual alternativo, classista e independente

Para além do urgente combate à violência fascista, queremos nossa liberdade e igualdade. Queremos o fim do assédio sexual e moral, igualdade de direitos, respeito e uma educação e saúde que garantam o livre e seguro exercício da sexualidade.

Por isso, queremos retomar a lição de 40 anos atrás, avançando em nossa organização e na aliança com os oprimidos e explorados, das universidades, das fábricas, das periferias, dos movimentos populares e sociais numa mobilização homossexual alternativa, classista, independente das empresas e dos governos. Resgatar a nossa história é parte da construção dessa alternativa.

SARNEY É A CARA DO SENADO

***DIEGO CRUZ**, da redação*

Vinte anos depois, José Sarney volta às manchetes dos jornais. Desta vez, porém, não como um desgastado presidente da República. Agora, sua cadeira é mais modesta. O ex-presidente e atual senador protagoniza uma das piores crises políticas do Senado dos últimos anos.

Tal crise é o capítulo mais recente de uma sucessão de denúncias de corrupção que balançou o Congresso Nacional nos seis primeiros meses do ano. Um desgaste que teve início sem muito alarde, com o então diretor-geral do Senado, Agaciel Maia, e sua mansão de R$ 5 milhões registrada em nome de seu irmão, deputado pelo Rio Grande do Norte que, por sua vez, não havia declarado o imóvel à Justiça Eleitoral.

FABIO RODRIGUES / AG. BRASIL

APESAR DO ESCÂNDALO, governo Lula e oposição de direita não querem a queda do presidente do Senado

MUNDO PARALELO

O escândalo, porém, escancarou o mundo paralelo do Senado, um verdadeiro paraíso de benesses ilimitadas, em que alguns poucos funcionários, como Agaciel, unem-se aos parlamentares na busca de privilégios. Daí, tudo pode acontecer, como a aprovação de plano de saúde vitalício para senadores, diretores e seus familiares. Ou a farra das "diretorias", criadas a rodo pelos senadores para terem acesso a mais benefícios. Descobriu-se a existência de 2,2 diretorias para cada senador, o que incluía diretoria até para cuidar do estacionamento do Senado.

Mas a crise só explodiu mesmo quando foi revelada em maio a enxurrada de "atos secretos", medidas administrativas tomadas pelo Senado que simplesmente não eram publicadas. Não eram divulgadas por uma razão bem simples: tratava-se da nomeação de parentes, amigos e aliados políticos, além da criação de cargos de confiança e aumentos de salário.

"A CRISE NÃO É MINHA"

Se antes os políticos pelo menos corriam o risco de se sujeitarem à opinião pública, agora nem isso. Levantamento realizado pelos próprios técnicos do Senado dá conta que, entre 1995 e 2009, foram editados nada menos que 663 atos secretos.

Para se ter uma ideia, o Senado, com 82 senadores, tem em sua folha de pagamento algo como 9.600 funcionários, não contando os terceirizados. Se fossem todos reunidos lá, não haveria espaço para tanta gente. Isso ocorre porque a maior parte desses funcionários são fantasmas. Após dias de pressão por uma explicação, Sarney nada declarou a não ser que "a crise não é minha", enquanto mais casos eram revelados.

LULA E SARNEY

O Congresso Nacional é uma das instituições mais desacreditadas. Escândalos não são bem uma novidade naquele lugar. Mas, no caso de Sarney, se as revelações dos detalhes envolvendo todos os desmandos não causaram espanto, o mesmo não se pode dizer do esforço de Lula para salvar a pele do senador. O presidente mobilizou toda a tropa de choque da base aliada para impedir a queda de Sarney.

A explicação para isso está em 2010 e nas eleições presidenciais. Lula não quer que a oposição tome o controle do Senado e atrapalhe suas pretensões de impulsionar a candidatura de Dilma Rousseff. Além disso, o peemedebista, como disse Lula, de fato não é um "senador comum". Desde que deixou a Presidência da República, ele presidiu o Senado por três vezes. Político mais antigo no Congresso, ele conhece todos os esquemas montados por lá, sendo um verdadeiro arquivo vivo.

A oposição de direita, por sua vez, reluta em pedir a cabeça de Sarney. O DEM, por exemplo, ocupa historicamente a 1ª Secretaria da Mesa Diretora do Senado. Isso significa que os "demos" sabem muito bem o que acontece por lá e também não querem que tudo venha à tona.

FORA SARNEY

A crise, no entanto, não para. Com o objetivo de aliviar a pressão, Sarney determinou a anulação de todos os atos secretos. Isso pode causar a demissão de 200 funcionários nomeados pelos atos, mas o dinheiro público gasto na série de nomeações, aumentos e demais privilégios nunca será devolvido.

Em discurso no Senado no último dia 17, às vésperas do recesso e tendo como público apenas cinco senadores, Sarney afirmou contar com três coisas para "combater a injustiça" de que diz ser vítima: "o silêncio, a paciência e o tempo". É o seu jeito de dizer que tudo vai acabar em pizza.

ABAIXO O SENADO

É preciso exigir a imediata saída de Sarney do Senado. Porém, não para reabilitar a imagem da Casa, como quer, por exemplo, o PSOL. O Congresso Nacional não representa os interesses dos trabalhadores, é a casa do patrões. E o Senado existe como forma de contrabalancear qualquer pressão popular que a Câmara dos Deputados possa sofrer. Por isso, é ainda mais reacionário.

O PSTU defende o fim do Senado e a existência de apenas uma câmara legislativa, com mandatos revogáveis a qualquer momento.

Principais escândalos

Senado publicou 663 atos secretos

São medidas administrativas sigilosas tomadas pela direção do Senado para a criação de cargos de confiança e nomeação de parentes e amigos, além de aumentos. O Senado não publicava tais atos, deixando-os guardados numa pasta.

Fundação José Sarney e Petrobras

A fundação que leva o nome de Sarney recebeu patrocínio de R$ 500 mil para um projeto que nunca se concretizou. O dinheiro foi para firmas fantasmas e empresas da família Sarney.

Auxílio-moradia

Sarney recebia auxílio-moradia de R$ 3.800 mensais, mesmo ocupando uma casa oficial.

Parentes

Diálogos interceptados pela Polícia Federal revelam que o filho de Sarney Fernando negociava cargos na Eletrobrás. A sobrinha de Sarney foi nomeada por ato secreto para trabalhar no escritório do senador Delcídio Amaral (PT). Um de seus netos foi nomeado, também por ato secreto, ao gabinete do senador Epitácio Cafeteira (PTB-MA). Outro neto intermediava empréstimos consignados no Senado. Além disso, o mordomo de Sarney recebia R$ 12 mil do Senado para trabalhar na casa de Roseana Sarney, no Maranhão.

Contas ocultas no exterior

Análise da Polícia Federal e da Receita em computadores apreendidos do banco Santos, de Edmar Ferreira, amigo pessoal de Sarney, revela uma conta no exterior pertencente a "JS" (iniciais de José Sarney). Em 1999, a conta somava mais de 870 mil dólares, o equivalente hoje a R$ 1,7 milhão.

Quem é José Sarney?

O atual presidente do Senado encarna como ninguém o verdadeiro caráter do Congresso Nacional.

Sarney é o parlamentar com a carreira política mais longa do país. Começou como deputado em 1955. Homem de confiança da ditadura militar, governou o Maranhão entre 1966 e 1971, sendo senador pelo estado entre 1971 e 1985. Nesse ano, foi eleito de forma indireta presidente, após a morte de Tancredo Neves, de quem era vice.

Sarney é o símbolo do patrimonialismo do Estado. Transformou o governo do Maranhão num feudo de sua família por décadas. Foi líder da Arena e do PDS, os partidos da ditadura, mas não teve problemas em se bandear para o PMDB quando isso passou a lhe convir.

O senador agora mantém seu feudo no Senado e em áreas do governo federal, bancado pelo presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB), e com o apoio e proteção do governo Lula.

José Sarney toma posse em março de 1985, após a morte de Tancredo Neves. Depois do fracasso do Plano Cruzado, seu governo terminou encurralado por greves gerais

MODELO DE EXPLORAÇÃO DO GOVERNO SERVE AOS INTERESSES DAS MULTINACIONAIS

DILMA ROUSSEFF e o ministro das Minas e Energia, **EDSON LOBÃO**, apresentam proposta do governo para o pré-sal

ANTONIO CRUZ/ABR

ANTONIO CRUZ/ABR

***AMÉRICO GOMES**, do ILAESE*

A imprensa divulgou no dia 13 de julho a declaração do ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, sobre o novo modelo de marco regulatório que o governo está preparando para a produção petrolífera na camada pré-sal. Tal marco estabelecerá o sistema de partilha na produção no pré-sal. Para todas as demais áreas, será mantido o regime atual de concessão.

Foi confirmado também que, para gerir essas reservas e fazer sociedade com as empresas selecionadas a partir de licitação, o governo vai criar uma estatal específica. Tal proposta seria entregue ao presidente Lula num prazo de 15 dias e, a partir daí, enviada ao Congresso em regime de urgência constitucional.

ENTREGA DO PETRÓLEO

A proposta foi apresentada por Lobão e pela ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, ambos da comissão interministerial do pré-sal. Essa proposta de "novo marco regulatório" vai contra todas as reivindicações dos movimentos sociais brasileiros. Os movimentos exigem que todo o petróleo seja nosso, que a Petrobras seja reestatizada, os leilões anulados e que as áreas já entregues às multinacionais petroleiras sejam devolvidas ao Estado. Tais resoluções foram aprovadas por unanimidade no Seminário de Guararema, que reuniu amplo conjunto de entidades e movimentos sociais.

O III Congresso da Frente Nacional dos Petroleiros (FNP) também se declarou contra a fundação de uma nova estatal, que na verdade significa uma troca de papéis com a Agência Nacional de Petróleo (ANP) e o avanço da privatização da Petrobras. E pela revogação da Lei do Petróleo de FHC, restabelecendo o monopólio estatal.

Fica claro que a proposta apresentada pela Comissão Interministerial mantém a política de FHC de entrega do patrimônio nacional e de ataque à soberania nacional.

Neste sentido, a FNP lançou um chamado ao conjunto das entidades e movimentos sociais (entre eles a FUP e o MST) a intensificarem a campanha, reforçando os atos e manifestações de rua, assim como as campanhas de conscientização do povo brasileiro. E convocou essas entidades e toda a população a estarem presentes na primeira quinzena de agosto em Brasília para exigir que o presidente Lula não encaminhe esse projeto de lei ao Congresso Nacional, que o refaça e o encaminhe com redação que seja compatível com os desejos e necessidades de todo o povo.

É acertada a proposta da FNP. Pois não pode restar dúvida de que somente a mobilização popular impedirá o governo de entregar nossas reservas nacionais.

O PRÉ-SAL JÁ ESTÁ SENDO ENTREGUE ÀS MULTINACIONAIS PETROLEIRAS

DALTON SANTOS,
diretor do Sindipetro Al/SE

AG. BRASIL

A descoberta do petróleo no pré-sal é consequência do avanço tecnológico alcançado pela Petrobras na perfuração experimental de poços pioneiros em lâminas d'águas cada vez mais fundas.

O pré-sal brasileiro é comparável ao que ainda há para ser extraído no maior campo de petróleo do mundo, denominado Ghawar, na Arábia Saudita. Significa que, com ele, o Brasil tem petróleo que pode colocá-lo como um dos maiores produtores do mundo.

Aqui, primeiro foram descobertos os campos terrestres, seguidos pelos campos com lâmina d'água rasa e, depois, profunda, até chegar aos campos com lâmina d'água ultraprofunda. Os no pré-sal são as últimas fronteiras petrolíferas a serem descobertas.

Sabedor do desenvolvimento das fases evolutivas exploratórias cada vez mais avançadas da Petrobras, o governo do Brasil criou a Agência Nacional do Petróleo (ANP), impondo a lei 9.478, que promove os leilões das acumulações e reservas do povo brasileiro.

Todos os campos já descobertos no pré-sal integraram os leilões da ANP, promovidos pelo governo FHC e Lula, e em todos eles a Petrobras tem parceiros e é a operadora, porque é uma das poucas empresas petroleiras que detêm a tecnologia de perfuração em lâmina d'água ultraprofunda. O campo de Azulão, possivelmente um dos maiores da Bacia, com tamanho igual ao de Tupi, pertence inteiro à ExxonMobil, detentora também da tecnologia adquirida pela Petrobras.

NEGÓCIO DA CHINA

Lula esteve na China para pedir dinheiro emprestado para a Petrobras ao governo chinês. Recebeu 12 bilhões de dólares para financiar a empresa, o PAC e, assim, impulsionar a candidatura de Dilma.

Para pagar a dívida, o Brasil vai fornecer 200 mil barris de petróleo por dia durante dez anos. Se calcularmos essa quantidade à média do preço do barril desde 2005, de 70 dólares, o negócio fechado renderá à China, no mínimo, 51,1 bilhões de dólares em petróleo.

Com isso, Lula entregou uma parte do pré-sal à China para garantir a eleição de Dilma.

MODELO DE PARTILHA É ENTREGA DO PETRÓLEO

Hoje, no Brasil, funciona o regime de "concessão", isto é, as áreas são leiloadas, as empresas exploram o petróleo e pagam royalties e impostos especiais por isso.

O modelo de partilha de produção que foi enviado pela comissão interministerial tem como referência o do Mar do Norte, onde todo o petróleo da Noruega foi doado para os Estados Unidos e a Inglaterra.

O governo e a direção da Federação Única dos Petroleiros (FUP) alardeiam que o regime de partilha trouxe o bem-estar à Noruega. Ocorre que o país tem uma população de 4,7 milhões de habitantes (janeiro de 2008) e o Brasil, 190 milhões. Ou seja, a população da Noruega é apenas 2,5% da população do Brasil. Esse dado é importante porque ele não é explicitado pelo governo do Brasil na propaganda da renda per capita da Noruega originada pela renda petroleira.

No modelo de partilha, as transnacionais só começam a pagar, em petróleo ou dinheiro, ao Estado depois de ter recuperado todo o seu investimento e esse prazo é interminável. Na partilha de produção, depois da licitação das áreas você pactua com a companhia operadora um percentual da produção, garantindo ao país uma parcela do petróleo produzido.

Os entreguistas do Congresso Nacional, além de aprovar esse modelo, podem determinar a criação de uma nova empresa gerenciadora da doação dos blocos exploratórios e de produção de petróleo e gás do pré-sal e, com isso, estabelecer o fim da Petrobras.

REESTATIZAÇÃO

Para combater a miséria e a fome do povo brasileiro e utilizar a renda petroleira para sanar os problemas em áreas como saúde e educação, não servem nem o regime de partilha e nem o de concessão. Temos que anular todos os leilões realizados, retomar as áreas que foram entregues às multinacionais e explorar a totalidade do pré-sal com a Petrobras, que demonstrou capacidade técnica para isso.

Mas é necessário também que o governo reestatize totalmente a empresa de maneira que os lucros obtidos não sejam enviados aos acionistas nos Estados Unidos. Se Chávez, que não é socialista, pode fazer isso na Venezuela, Lula também pode fazer isso no Brasil.

EM CONGRESSO HISTÓRICO, PETROLEIROS DECIDEM FUNDAR NOVA ENTIDADE NACIONAL

A FEDERAÇÃO ÚNICA DOS PETROLEIROS já não representa os trabalhadores e está do lado do governo

AMÉRICO GOMES,
da Direção Nacional do PSTU

Congresso de fundação da nova entidade ocorre ainda em 2009, após a campanha salarial da categoria

O clima era de festa no final do III Congresso Nacional da Frente Nacional de Petroleiros (FNP), realizado de 9 a 12 de julho em São José dos Campos (SP). Os debates foram intensos, e os delegados estavam bastante cansados. Mesmo assim, o tempo não foi suficiente para esgotar todas as discussões.

Mas a felicidade era grande. Por unanimidade, foi deliberada pelos 78 delegados e 34 observadores a criação de uma nova entidade nacional. Os petroleiros decidiram que o congresso de fundação será após a campanha salarial de 2009, tendo como limite o final do ano.

No congresso, estiveram delegados de seis sindicatos: Amazonas, Pará, Amapá e Maranhão; Alagoas-Sergipe; Rio de Janeiro; Litoral Paulista; São José dos Campos; Rio Grande do Sul. Também foram eleitos representantes de cinco oposições: Unificado-SP, Norte Fluminense, Bahia, Rio Grande do Norte e Caxias.

Os delegados e observadores do congresso concluíram que a Federação Única dos Petroleiros (FUP), fundada depois de muita luta e após derrotar os pelegos no início dos anos 1990, já não representa mais os interesses da classe trabalhadora e da categoria petroleira. A FUP coloca a defesa dos interesses do governo Lula em primeiro lugar, contra as necessidades da categoria.

A entidade governista enganou os trabalhadores na greve nacional dos cinco dias, em março deste ano, quando pediu aos petroleiros que confiassem na direção da empresa e encerrassem a greve, pois, segundo a FUP, não haveria punições. Agora, a Petrobras pune os trabalhadores no Brasil inteiro. Só na Bacia de Campos, são mais de 90 punidos.

A FUP também traiu os aposentados na campanha da "repactuação" que, na prática, reduziu a aposentadoria. A Frente também não defende os interesses dos terceirizados. Na campanha "O petróleo tem que ser nosso", prepara-se para aceitar um acordo rebaixado ao anunciar a defesa de uma empresa 100% pública e centrar sua campanha no pré-sal, sem exigir a anulação de todos os leilões.

NOVA ALTERNATIVA DE LUTA

O Congresso Nacional da FNP, ao contrário, votou como princípios da nova entidade: a luta por uma Petrobras 100% estatal; o fim dos leilões e a retomada das áreas leiloadas; a luta permanente pela independência política e financeira em relação ao Estado, aos governos e aos patrões; o apoio às lutas dos trabalhadores e suas organizações; e a defesa intransigente dos direitos dos trabalhadores.

Nos próximos seis meses, a FNP pretende realizar um intenso debate na base sobre a organização e o funcionamento da nova entidade, onde tudo deve ser decidido pela base, passando por assembleias de trabalhadores. São os petroleiros que decidirão temas como mandato da direção, o que fazer com o imposto sindical, instâncias, forma de eleição etc., diferente da direção da FUP, que acabou com os congressos anuais e ampliou o mandato eleitoral para três anos.

Para impulsionar o processo de debate preparatório na base e da campanha salarial, garantindo a estrutura e produzindo materiais, o congresso elegeu uma direção provisória que será composta por dois representantes de cada sindicato.

Com relação à campanha salarial, foi votada a pauta de reivindicações históricas que, agora, será debatida e votada na base. Depois desse debate, o documento será apresentado à direção da empresa e haverá uma plenária nacional dos petroleiros, com representantes da FUP, da FNP e independentes para conduzir a campanha salarial independentemente das diferenças políticas. Foi aprovado também um calendário de mobilizações que inclui o dia nacional de luta em 14 de agosto.

A FNP e o embrião da nova entidade continuarão na campanha "O petróleo tem que ser nosso", construindo a máxima unidade na ação, mas empunhando suas bandeiras, como a da "Petrobras 100% Estatal". Os petroleiros deliberaram, ainda, a realização de um encontro nacional das empresas a serem reestatizadas, que deverá reunir trabalhadores da Petrobras, Vale, Embraer, Correios, etc., para travar uma luta comum, mostrando que uma das marcas da FNP é a defesa da ampla unidade da classe trabalhadora.

Sem dúvida alguma, os petroleiros brasileiros demonstraram novamente que estão na vanguarda do processo de reorganização e servirão, mais uma vez, de exemplo para as demais categorias.

FNP aprova realização de encontro nacional dos trabalhadores de empresas que devem ser reestatizadas, como Vale, Embraer, além da própria Petrobras

GOVERNO PERDE CONTROLE DA GRIPE SUÍNA

NÚMERO DE CASOS não para de crescer e demonstra incapacidade dos governos de enfrentar pandemia

JEFERSON CHOMA, da redação

O Ministério da Saúde confirmou no dia 16 de julho 1.175 casos da gripe suína, chamada agora também de gripe A, no Brasil. O estado de São Paulo concentra a maioria dos casos (512), seguido do Rio Grande do Sul (135) e do Rio de Janeiro (128). Pelo menos 15 pessoas morreram devido à gripe.

No entanto, os números divulgados se referem apenas a casos confirmados. O total de pessoas infectadas pelo vírus H1N1 (transmissor da gripe) pode ser bem maior, uma vez que o diagnóstico da doença é considerado difícil e demorado, pois se confunde com o vírus da gripe comum (influenza sazonal). O aumento de casos também torna praticamente impossível o monitoramento de novas pessoas infectadas.

De qualquer maneira, os 1.175 casos confirmados da gripe suína revelam o total descontrole da expansão do vírus. Algo que demonstra a completa incapacidade dos governos nacional e locais de enfrentar a situação.

Há um mês, no dia 15 de junho, o país registrava 74 casos confirmados da gripe. Quinze dias depois, os casos já chegavam a 861, com uma morte confirmada.

A disseminação assustadora do vírus obrigou o governo federal a reconhecer que a transmissão da gripe já é local, ou seja, se dissemina livremente sem a necessidade de haver contato com alguém que esteve no exterior. Pelo menos 28% dos casos comprovados foram transmitidos localmente. Foi o caso da garota que morreu em Osasco (SP). Ela contraiu o vírus mesmo sem contatos com pessoas que viajaram para Argentina ou Chile.

UMA EXPLICAÇÃO PARA O DESCONTROLE

Enquanto o número de casos no Brasil em decorrência da gripe suína aumentava, o governo federal não liberava as verbas necessárias para as ações de enfrentamento do vírus. No dia 20 de maio, por meio de uma medida provisória, foi autorizada a utilização de 129 milhões de reais para a prevenção e o enfrentamento de uma pandemia. Contudo, dois meses depois, apenas 8,7 milhões de reais foram aplicados no combate à gripe suína até o último dia 13, ou seja, menos de 7% do total anunciado.

O Rio Grande do Sul, estado que registra o maior número de mortes causadas pela gripe A, também não deu atenção à saúde da população. Na semana passada, a governadora Yeda Crusius (PSDB) rejeitou uma emenda popular à Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) para 2010, que destinava 12% da Receita Líquida de Impostos e Transferências (RLIT) para saúde. Para piorar a situação, nos últimos seis anos o governo reteve bilhões de reais da verba para os investimentos em saúde.

Estudo do governo diz que a pandemia poderá atingir entre 35 milhões e 67 milhões de brasileiros ao longo das próximas cinco a oito semanas.

SITUAÇÃO VAI FICAR PIOR

Infelizmente, a situação pode piorar ainda mais. Epidemias de gripe em grandes cidades se caracterizam pelo início de uma hora para outra, atingem seu pico em duas ou três semanas e se prolongam até completar cinco a oito semanas. Isso significa que os números vão crescer. É o que diz um estudo baseado em pandemias anteriores, realizado pelo próprio governo federal com epidemiologistas.

A pesquisa diz ainda que a pandemia provocada pelo novo vírus poderá atingir entre 35 milhões e 67 milhões de brasileiros ao longo das próximas cinco a oito semanas. Entre 3 e 16 milhões de pessoas desenvolverão algum tipo de complicação, o que deve exigir tratamento médico. Entre 205 mil e 4,4 milhões precisarão ser hospitalizados.

UMA COMBINAÇÃO LETAL

CAOS DA SAÚDE PÚBLICA vai elevar mortalidade da gripe

Muitos especialistas afirmam que o vírus da gripe suína ainda provoca menos mortes que o da gripe comum (sazonal). Mas o problema não é a letalidade do novo vírus em comparação com o da gripe comum, e sim a possibilidade do aumento de pessoas infectadas. Isso geraria uma explosão no número de mortes relacionadas à gripe suína, combinada ao caos no sistema público de saúde, sucateado por inúmeros cortes de verbas que provocariam o aumento da tragédia.

É o que está acontecendo na Argentina, que registra 137 mortes causadas pela gripe suína. É o segundo país com maior número de mortes no mundo, atrás apenas dos EUA, segundo relatórios oficiais. No entanto, é justamente lá que se registra o maior índice de mortalidade entre as pessoas infectadas pelo vírus da gripe suína. A média de óbitos é de 4,48% do total de pacientes infectados. Algo que só pode ser explicado pelo verdadeiro desmonte da saúde pública desse país.

Países imperialistas já compraram todo o estoque de vacinas

SEGUNDA ONDA

Por outro lado, o aumento da circulação do vírus faz com que ele adquira propriedades biológicas que o tornam mais grave. É o que explicou ao Opinião o infectologista Artur Timerman. Esse processo pode detonar uma segunda onda de transmissão da gripe suína, com um vírus mais resistente aos medicamentos atuais.

"Essa primeira onda tem menor gravidade até comparada a casos de gripe sazonal. Já a segunda e a terceira ondas devem aumentar muito a mortalidade, o potencial de transmissão e a gravidade", afirma o infectologista.

Essa maior letalidade do vírus é temida até mesmo pelos Estados Unidos e a Inglaterra. De acordo com estimativas do governo britânico, até 65 mil pessoas poderiam morrer de gripe suína lá no próximo inverno, que começa em novembro. Mas não está descartado que essa segunda onda surja aqui mesmo na América do Sul, em países como Argentina ou Brasil.

VACINAS PARA POUCOS

Por outro lado, os governos britânico e o dos EUA "deixaram correr" a gripe suína em seus países, esperando vacinas que serão usadas no próximo inverno. Recentemente, a OMS alertou que não haverá vacinas para todo mundo, pois *"a maior parte das doses deve ser comprada por países com os recursos para pagar pelo medicamento"*.

Os países imperialistas já compraram todo o estoque de vacinas para o vírus. Já os países pobres ficarão sem nada. Por isso, a entrega de cepa do vírus ao Brasil atrasou e a vacina só será produzida pelo Instituto Butantã a partir de 2010.

TREZE HORAS NA FILA

Mãe e filha ficaram horas sentada 'num banco de cimento com o soro na mão'

Treze horas em filas de hospital, quatro médicos e um diagnóstico duvidoso. Foi o que Maria Campelo e sua filha, Márcia, de 25 anos, moradoras do bairro Cidade A. E. Carvalho, zona leste de São Paulo, enfrentaram no último dia 7.

Márcia apresentava febre alta e muita tosse, além de fortes dores no corpo e no peito. Por isso, foi levada pela mãe ao posto municipal de saúde. As duas chegaram por volta das 10h. *"Minha filha ficou duas horas sem receber atenção. Um enfermeiro percebeu a gravidade da nossa situação e encaminhou para o atendimento. Lá diagnosticaram suspeita de meningite"*.

Márcia foi levada ao hospital Ermelino Matarazzo, mas a situação não mudou. *"Ela ficou sentada no meio de todo mundo com suspeita de meningite, esperando atendimento"*. Outros pacientes com suspeita de tuberculose também aguardavam no local, que estava cheio.

A mãe reclamava porque não havia médico para atender sua filha, até que finalmente um clínico geral encaminhou Márcia para exames de sangue e urina.

Como apresentava sintomas típicos da gripe A, médicos levantaram a suspeita de que poderia se tratar de um caso de contaminação. *"Mas nenhum deles chegou a falar isso para mim, eu é que escutei que suspeitavam da gripe suína. Fiquei desesperada"*, disse.

Dona Maria relata que sua filha passou por mais de quatro médicos ao longo do dia. Todos repetiam os mesmos exames e pediam para que aguardassem o resultado. Permaneceram sentadas por horas *"num banco de cimento onde minha filha estava com o soro na mão"*. No começo da noite, o marido de Márcia procurou a esposa por duas horas no hospital. *"Não tinha nem o registro de entrada dela lá"*, diz.

Por volta das 23h, Márcia pôde voltar para casa. Depois de 13 horas na fila para ser atendida, o diagnóstico foram "problemas musculares". Por via das dúvidas, ela resolveu manter seu isolamento em casa.

BRASIL ESTÁ PREPARADO?

Reportagem do Opinião percorreu hospitais após discurso de ministro

Apesar da explosão da gripe suína, o ministro da Saúde, José Gomes Temporão, disse que o "país está preparado" para enfrentar a pandemia. Mas não é isso o que se vê nos hospitais. O governo recomenda que, para prevenir a doença, é preciso lavar as mãos frequentemente e orienta todos que apresentem os sintomas a procurar um hospital. Além disso, os profissionais da saúde devem utilizar máscaras e luvas.

Mas o corte de verbas, a falta de medicamentos, de funcionários e até de máscaras e sabonetes para lavar as mãos nos hospitais impedem na prática essas recomendações. Além disso, há um despreparo muito grande dos funcionários de hospitais para enfrentar uma pandemia, o que tem a ver com a inexistência de treinamento e orientações na rede básica de saúde. Muitos pacientes que apresentam os sintomas da gripe A são obrigados a esperar horas em filas em contato direto com funcionários do hospital e outros pacientes.

Logo após o pronunciamento do ministro Temporão, a reportagem do Opinião visitou alguns hospitais públicos de São Paulo para ver de perto essa situação.

Com a filha de um ano e três meses no colo, Estefani Rodrigues reclamava da superlotação do pronto-socorro infantil do hospital São Luis Gonzaga, no Jaçanã, zona norte de São Paulo. *"Tem umas cinquenta pessoas por lá. Não consigo ser atendida. Vou tentar voltar mais tarde, porque tenho uma tia que trabalha aí"*, disse.

No pronto-socorro de Santana, a situação estava mais tranquila. Mas uma enfermeira disse à reportagem que há poucos dias os corredores estavam cheios de pacientes com suspeita de gripe e tuberculose. *"Não dava nem para circular direito"*, afirmou.

A explosão de casos da gripe suína aumentou a procura por atendimento em toda a rede pública de saúde. No hospital Emílio Ribas, para onde são encaminhados os casos suspeitos de gripe suína de São Paulo, a procura aumentou cinco vezes.

A demora no atendimento faz com que alguns pacientes desistam do atendimento.

A precariedade do sistema de saúde pública e a pobreza poderão agravar ainda mais a disseminação da gripe. Especialistas relembram a epidemia de dengue registradas em anos anteriores para demonstrar que a saúde pública não está preparada para o agravamento da gripe suína.

"O que aconteceu no ano passado com a dengue mostra um despreparo do sistema público. Com a gripe você precisa de um treinamento dos profissionais de saúde, para fazer o diagnóstico precoce e o tratamento. Não tem medicamento para tudo mundo. Isso é um mistério que a gente precisa solucionar", disse Timerman.

O medicamento antiviral indicado pela Organização Mundial de Saúde (MS) é o Oseltamivir (Tamiflu), que custa nas farmácias 160 reais. O alto preço do medicamento impede seu uso pelos mais pobres. Mas a indústria farmacêutica lucra nas situações de sofrimento da população. Graças à pandemia, o laboratório Roche vendeu todo o seu estoque de Oseltamivir. Suas ações subiram 6% no último mês.

129mi autorizados por MP para combater o vírus no Brasil

8,7mi utilizado pelo governo

Casos no Brasil

FONTE: MINISTÉRIO DA SAÚDE

- 12/06: 54 casos – 1ª morte
- 22/06: 240 casos
- 02/07: 737 casos
- 15/07: 1175 casos – 15 mortes

OS ATAQUES ÀS VERBAS DO SUS

ARY BLINDER*,
de São Paulo (SP)

O Sistema Único de Saúde (SUS) surgiu na Constituição votada e promulgada em 1988, fruto de grandes lutas do movimento popular, sindical e também do movimento pela reforma sanitária.

A universalização foi uma vitória do movimento de massas, já na contramão da ofensiva neoliberal. Não custa lembrar que nos Estados Unidos, país imperialista mais importante, a saúde não é universalizada até hoje.

No entanto, o SUS já nasceu com defeitos. O primeiro é admitir a existência paralela do Sistema Complementar (convênios, seguradoras, hospitais filantrópicos etc.). O segundo é que a origem das verbas de financiamento do SUS foi mal definida. Houve apenas um indicativo de 30% do orçamento da seguridade social, mas isso está sob permanente ameaça por parte daquele que deveria ser seu guardião, o governo federal, não havendo diferença de qualidade entre os governos tucanos e os petistas. Boa parte das verbas federais para a saúde vem das contribuições sociais, como Cofins (21%) e CSLL (39%). O resto é completado por impostos.

Os governos partem para cima das verbas do SUS por uma opção política, pois é mais fácil atacar as massas do que o mercado financeiro internacional. Em 2007, por exemplo, o Brasil pagou R$ 160 bilhões em juros da dívida, mais que o triplo de todo o orçamento do Ministério da Saúde para aquele ano. Para garantir esse pagamento, precisa economizar nos gastos públicos – o superávit primário –, e a economia é feita cortando gastos com saúde e aposentadorias, itens que fazem parte da seguridade social.

A Constituição de 1988 introduziu o conceito de seguridade social e definiu a saúde como "direito de todos, dever do estado". Esse direito de todos necessita de financiamento estatal. Mas, como o compromisso de Lula é com os banqueiros e não com o povo, uma das soluções é cortar verbas na saúde e Previdência Social.

Outra maneira de confirmar esse dado é checando a porcentagem do PIB gasta pelo Ministério da Saúde nos últimos anos. Desde 1995 (governo FHC) até 2008, a porcentagem é dramaticamente fixa, flutuando entre 1,5% e 1,7% do PIB. Salta aos olhos que a preocupação social e o compromisso com a saúde pública são equivalentes e ínfimos, seja no governo tucano, seja no petista. Já os gastos com a dívida pública no mesmo período variaram entre 5,2% e 9,3% do PIB, entre três e seis vezes os gastos com a saúde pública!

A Organização Mundial da Saúde (OMS) diz que o gasto público mínimo aceitável em saúde para países com o serviço universalizado é de 6% do PIB. Em 2007, o Brasil gastou 3,34% do PIB - entram aí os gastos do Ministério da Saúde (1,7% do PIB), governos estaduais (0,9% do PIB) e municípios (0,9% do PIB).

O primeiro passo necessário para fazer o SUS funcionar de fato é garantir que o Brasil gaste o dobro do que vem gastando em saúde pública, para chegarmos ao mínimo de 6% do PIB.

Essa luta por mais verbas é um passo indispensável para aqueles que, como o PSTU, defendem a ideia de uma saúde pública universal, gratuita, estatal e de qualidade.

*Colaboraram Jean Longhi e Rita Gordin. Dados com Áquilas Mendes, presidente da Associação Brasileira de Economia da Saúde (ABRES).

SAIBA MAIS | **O QUE É UMA PANDEMIA?**

É uma epidemia de doença infecciosa que se espalha entre a população localizada em uma grande região geográfica ou mesmo em todo o planeta. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma pandemia pode começar quando se reúnem três condições: a) o aparecimento de uma nova doença entre a população; b) o agente infecta humanos, causando uma doença séria; c) o agente espalha-se facilmente entre humanos.

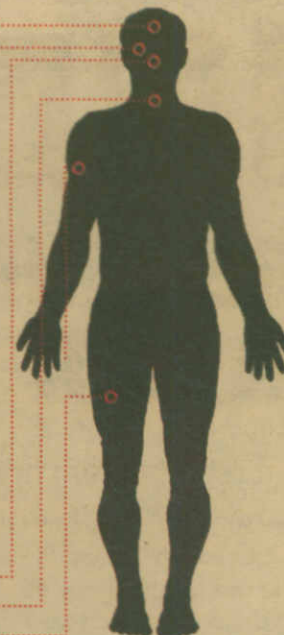
No século 20, a pandemia mais violenta foi a gripe espanhola (1918 – 1919), que matou pelo menos 25 milhões de pessoas. No dia 30 de abril de 2009, a OMS aumentou o nível pandêmico da gripe suína para o mais alto de alerta.

COMO É A TRANSMISSÃO ?

O vírus é transmitido como uma gripe comum, pelo ar ou através do uso de objetos contaminados, para outro humano. Os sintomas são:

1) Dor de cabeça
2) Irritação dos olhos
3) Coriza
4) Tosse
5) Dor nos músculos

PERIGO DA SEGUNDA ONDA

A circulação do vírus entre as pessoas provoca alterações biológicas no vírus, tornando-o mais perigoso e letal. Especialistas temem que uma segunda onda do vírus H1N1 apareça ainda neste inverno aqui no hemisfério sul, ou no próximo inverno na Europa e na América do Norte.

UM PLANO PARA ENFRENTAR A GRIPE

DA REDAÇÃO

A explosão da gripe suína vai significar uma tragédia, principalmente para os trabalhadores e o povo pobre, as principais vítimas do caos na saúde pública. Enquanto o número de casos cresce, fica claro que não há nenhum plano do governo para enfrentar a pandemia. É necessário exigir do governo Lula um plano nacional de combate à gripe suína.

PLANO NACIONAL

Um plano nacional que incorpore toda a rede pública de saúde. Para criá-lo, o governo precisa liberar verbas emergenciais para aquisição de medicamentos, treinamento de pessoal e realização de campanhas publicitárias de prevenção. A população não pode aceitar mais nenhum corte de verbas na saúde. O governo deve romper com o pagamento da dívida pública e destinar esse dinheiro para o combate à gripe. Os estados e municípios também devem parar de pagar a dívida e cumprir a orientação da Constituição, que determina o gasto de 12% do orçamento estadual e 15% do municipal com a saúde.

As informações do governo sobre a doença são totalmente insuficientes. O governo precisa dizer a verdade e fazer uma ampla campanha na rádio e na TV explicando como evitar a contaminação.

VACINA E MEDICAMENTOS

Faltam medicamentos para o tratamento e sua compra é muito cara. É preciso quebrar a patente do medicamento Tamiflu para massificar sua produção e distribuí-lo gratuitamente à população. O monopólio desse medicamento não pode ficar nas mãos de um laboratório estrangeiro, em busca apenas de lucro.

Além disso, o governo deve realizar uma grande campanha de vacinação. A OMS já anunciou que não haverá vacinas para os 6,8 bilhões de habitantes do planeta. Até agora, 1,8 bilhão de doses já foram adquiridas de forma antecipada por países ricos. Para produzir vacinas, o governo deve quebrar as patentes das indústrias farmacêuticas.

LEITOS

De acordo com o Datasus, em 2005 havia 443 mil leitos hospitalares disponíveis e não faltavam lugares. O problema é que a distribuição dessas vagas não é uniforme entre a rede pública e privada. Para enfrentar essa situação, os leitos dos hospitais privados devem ser disponibilizados inclusive para aqueles que não possuem convênio particular. Os que se recusarem a realizar o atendimento devem ser estatizados.

AG. BRASIL

A RESPEITO DE DOIS CONGRESSOS

Congresso da UNE é festa do governo em defesa da política neoliberal de Lula

***LEANDRO SOTO**, da Secretaria Nacional de Juventude do PSTU*

Há 30 anos, o Centro de Convenções em Salvador era apenas um esqueleto de concreto. Ainda assim, aquela estrutura, que parecia mais estar em ruínas do que em construção, foi o palco do congresso de reconstrução da UNE.

Neste evento, os estudantes, enfrentando a ditadura militar, aprovaram a histórica Carta de Princípios da UNE, na qual afirmavam seu compromisso estratégico com a classe trabalhadora e sua independência inegável para fazer história.

A UNE dessa época não existe mais. O congresso realizado em Brasília na última semana demonstrou isso de forma categórica. A decadência política da entidade é triste e não dá para disfarçar.

NENHUMA INDEPENDÊNCIA

Contrastando com o esqueleto de concreto que sediou o congresso de Salvador, o 51° congresso da UNE teve sua sessão solene de abertura na Câmara dos Deputados, em Brasília.

O ato de abertura contrastou também com a ausência dos atos de rua nos últimos anos. Num momento em que o conjunto da sociedade brasileira e dos estudantes se indigna com os escandalosos atos secretos de José Sarney e companhia, a UNE silencia, vai até o Congresso e troca afagos com os coronéis e corruptos.

Depois de abraçar Fernando Collor e proclamar Sarney intocável, Lula, ao lado de Dilma Rousseff, deu o ar da graça no congresso da UNE. O ato no encontro de estudantes do Prouni se transformou em palanque da ministra para as eleições presidenciais de 2010, com direito a coro de torcida por sua eleição.

Vale lembrar que esta é a primeira vez em 70 anos de história que a UNE convida um presidente ao seu congresso. Não é para menos. Nenhum governo na história destinou tantos recursos a ela. Durante o governo petista, a entidade já recebeu mais de 10 milhões de reais. O mais escabroso, porém, é que o novo presidente da UNE, Augusto Chagas, do PCdoB, estufa o peito para dizer: "É mais do que legítimo que o governo financie o movimento estudantil"

A inegável perda de independência da entidade não é apenas evidente nos atos de abertura do evento, mas também nas resoluções de seu congresso. Este terminou sem aprovar uma única resolução capaz de organizar o movimento estudantil brasileiro para lutar.

A resolução pelo Fora Sarney não foi aprovada na plenária final. Isso porque o presidente do Senado e o PMDB são aliados de Lula, de Dilma e do PCdoB em 2010. Portanto, o movimento estudantil não deve se mobilizar contra o coronel.

Essa mesma lógica impediu a aprovação das principais tarefas do movimento estudantil, tais como derrotar a reforma universitária do governo, materializada no Reuni, no Prouni, no ensino à distância, no Enade\Sinaes, etc., e fazer uma campanha contra a crise econômica, as demissões e os cortes do governo no orçamento da educação pública. Enfim, devido ao seu atrelamento

> Pela primeira vez na sua história a UNE convida um presidente ao seu congresso. Não é para menos. Nenhum governo na história destinou tantos recursos a ela.

ao governo, o congresso da UNE não serviu para que o movimento estudantil caminhasse um único passo-à frente na luta contra o projeto neoliberal.

NENHUMA DEMOCRACIA

Lamentavelmente, a ausência de democracia e debate foi, mais uma vez, uma das principais características do congresso. Na realidade, a falta de democracia expressou tão somente a continuidade de uma eleição de delegados extremamente despolitizada.

Esse processo, embora todo ano seja marcado por fraudes e esvaziamento do debate, este ano se superou. Passou longe do movimento real e beirou o patético em algumas das principais universidades do país, como na USP, onde os realizadores do pleito não conseguiam chegar a um acordo entre si sobre como realizar a fraude, se acusando publicamente uns aos outros.

Embora tenha sido celebrado pela direção majoritária como o congresso mais representativo de todos os tempos, o que se viu foi uma realidade muito diferente. Não muito mais que 3 mil delegados participaram da escolha da nova diretoria da UNE e da aprovação das resoluções do congresso.

Mais uma vez, o bloco governista encabeçado pelo PCdoB se saiu vencedor nas eleições da diretoria, com mais de 70% dos votos. Novamente, como nos últimos anos, o congresso da UNE não serviu em nada para a resistência ao projeto neoliberal. Pelo contrário, serviu para que o governo pudesse legitimar sua política de ataque à juventude e à educação pública, cobrindo-a com um verniz de esquerda.

"É mais do que legítimo que o governo financie o movimento estudantil"

Augusto Chagas (PCdoB) o novo presidente da UNE

O VEREDICTO DA HISTÓRIA

Há não mais que dois meses, outro congresso ocorreu no país. Ao contrário daquele, este evento não teve sessão solene na Câmara nem a presença do presidente Lula. Também ficaram de fora da lista de convidados os 10 milhões de reais doados pelo governo à UNE.

O Congresso Nacional de Estudantes, convocado por centenas de entidades estudantis, entre elas os DCEs da USP, da UFRJ e da UFMG, ocorreu entre os dias 11 e 14 de junho no Rio de Janeiro. Nele se encontraram mais de 1.800 estudantes para debater e organizar a luta do movimento estudantil contra os ataques neoliberais de Lula.

Ali, o que se viu foi um intenso debate democrático de ideias que terminou na aprovação de uma série de resoluções e campanhas cujo objetivo é mobilizar os estudantes para lutar contra os ataques do governo Lula. Nesse histórico congresso, se criou também a Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre (Anel), uma nova entidade nacional dos estudantes criada para organizar a luta diante da falência da UNE.

Não é preciso muito para constatar qual delas representa a continuidade e a tradição do movimento estudantil brasileiro. Nos próximos meses, as resoluções e campanhas aprovadas pelos dois congressos irão se enfrentar nas universidades em todo o país.

De um lado, a UNE, com seu silêncio cúmplice sobre Sarney e sua lamentável defesa do projeto neoliberal de Lula, ainda mais criminosa em tempos de crise econômica. Do outro, a Anel, enfrentando a crise econômica e seus efeitos e denunciando implacavelmente os escândalos de corrupção.

Deixemos que as mobilizações, as ocupações de reitoria e as lutas de todos os dias deem a última palavra. Estamos seguros de que elas nos darão razão.

VITÓRIA EM COMERCIÁRIOS DE NOVA IGUAÇU DERROTA CAMPANHA DE CALÚNIAS

CHAPA 1 VENCE COM 60% DOS VOTOS em eleição marcada por calúnias e métodos stalinistas por parte da CST (PSOL)

GEOVANI PEREIRA,
de Nova Iguaçu (RJ)

Após mais de seis meses de uma campanha de calúnias e difamações implementada pela direção nacional da CST (corrente do PSOL), finalmente ocorreram, de 13 a 15 de julho, as eleições do Sindicato dos Comerciários de Nova Iguaçu e Região. A campanha nacional da CST acusava os militantes do PSTU da Baixada Fluminense de roubar as finanças desse importante sindicato da Conlutas no Rio de Janeiro.

Apesar do método do "vale tudo" usado pela direção da CST, houve intenso debate na categoria e os comerciários puderam escolher livre e democraticamente a nova diretoria para o seu sindicato. A entidade tem cerca de 2.100 sócios, distribuídos nas cidades de Itaguaí, Seropédica, Belford Roxo, Nilópolis, Queimados e Nova Iguaçu, a maior parte da região da Baixada Fluminense.

O resultado não deixa dúvidas. Primeiro, houve uma grande participação da base: 1.396 comerciários votaram, representando mais de 60% do colégio eleitoral. E, principalmente, a Chapa 1 venceu as eleições de forma incontestável, obtendo 837 votos, ou seja, 60,52%, deixando a Chapa 2 com 546 votos, ou 39,48%. Houve ainda cinco votos brancos e oito nulos.

A Chapa 2, Unidos Pra Lutar, corrente sindical da CST, ainda mantém duas ações judiciais que buscam cancelar as eleições. Esperamos, sinceramente, que seja reconhecido o resultado da votação. Afinal, apesar das calúnias e das ações judiciais, essa corrente e sua chapa participaram normalmente das eleições, demonstrando que o pleito ocorreu de forma tranquila e democrática.

A DIVISÃO DA DIRETORIA DO SINDICATO

As diferenças na diretoria do sindicato se intensificaram quando a corrente sindical "Comerciários em Luta", onde atua a militância do PSTU, propôs acabar com os privilégios que ainda existiam na diretoria da entidade. Eram celulares pagos pela categoria para uso próprio, altas diárias de viagem e, por incrível que pareça, a abertura do sindicato aos sábados, já que a categoria trabalha nesse dia. Essas medidas enfrentaram forte oposição por parte dos militantes identificados com a CST. A partir do debate contra a burocratização na entidade, essa corrente iniciou o processo de ruptura com a diretoria.

Depois, um funcionário da tesouraria da entidade, que era militante do PSTU, foi descoberto, pela própria militância do nosso partido, roubando as finanças da entidade. Por proposta dos camaradas do partido que são da diretoria, e com o acordo da CST, realizamos uma grande assembleia da categoria para explicar o acontecido. Fizemos um boletim que também informava para a base o fato, demitimos por justa causa o tal funcionário e acionamos na Justiça um processo criminal para prender o ladrão e reaver para os cofres do sindicato o valor comprovado do roubo. Instalamos ainda uma auditoria nas contas do sindicato, elegendo uma comissão de base para acompanhar essa apuração. E o PSTU o expulsou sumariamente do nosso partido.

> **Divisão da diretoria ocorreu após militantes do PSTU terem iniciado luta contra burocratização e privilégios**

Apesar de todas essas medidas, tendo na vanguarda os diretores do PSTU, a CST preferiu tirar proveito político do fato para tentar ganhar maioria no aparato da entidade. Portanto, passaram a acusar o diretor de finanças do sindicato, Renato Gomes, que é militante do PSTU, de ter sido o responsável pelo roubo. Acusaram e caluniaram o PSTU, apesar de o ex-funcionário ter assumido tudo através de uma carta que é pública e já foi inclusive entregue à polícia.

Sendo o Sindicato de Comerciários de Nova Iguaçu e Região um sindicato da Conlutas, foi feita uma comissão para apurar as denúncias e tentar que a eleição ocorresse em um clima civilizado. Esse grupo, junto com trabalhadores comerciários da base indicados pelas duas chapas, apurou que nenhum diretor roubou o sindicato. Entretanto, não conseguiu convencer a CST a parar com as calúnias.

MÉTODO STALINISTA

Os militantes da CST passaram a usar o roubo como arma política, caluniando os militantes do PSTU, afirmando na base que alguns deles compraram casas e fazendas. Um método vergonhoso, próprio do stalinismo, que usou e abusou das calúnias para justificar o assassinato de vários dirigentes históricos da Revolução Russa de 1917, inclusive o próprio Leon Trostky. O que nos espanta é uma campanha vil como esta ter sido implementada pela direção da CST, uma organização que se reivindica do movimento trotskista.

Um dos seus dirigentes sindicais chegou a insinuar durante a última reunião da Coordenação Nacional da Conlutas que esse dinheiro teria sido desviado pela direção do PSTU. Depois de ter sido cobrado, outro dirigente da CST disse que tudo havia sido um mal entendido. Tudo cena, pois na base seguia a campanha de calúnias, novamente com um método covarde e stalinista.

> **CST utilizou roubo da entidade para caluniar o PSTU**

Porém, a coisa não parou por aí. Além de atacarem dirigentes históricos da categoria, entraram na Justiça burguesa pedindo o cancelamento do processo eleitoral e atacaram o sindicato no meio da campanha salarial, fazendo, dessa forma, o jogo dos patrões. Estes perceberam que o sindicato estava dividido e endureceram as negociações do acordo coletivo e, até o momento, a categoria está sem o seu aumento.

No dia 11 de junho, feriado de Corpus Christi, enquanto os integrantes da Chapa 1 e o sindicato foram para o calçadão de Nova Iguaçu fechar as lojas que abriram irregularmente, a direção da CST, no mesmo momento, patrocinava um churrasco para os apoiadores da sua chapa, com comida e bebida de graça e farta distribuição de camisetas.

Mas os trabalhadores perceberam essa atitude irresponsável da CST e majoritariamente votaram na Chapa 1, acabando com a divisão, a baixaria e as mentiras de um grupo que só pensou em manter os seus privilégios, contra os interesses dos trabalhadores comerciários.

Esperamos que o resultado das eleições seja respeitado pela direção da CST. Neste sentido, esta corrente que, inclusive, faz parte da Conlutas, precisa retirar as duas ações judiciais e não entrar com nenhuma outra, respeitando assim a vontade da categoria.

14 DE AGOSTO: CONSTRUIR UM DIA DE LUTA E PARALISAÇÕES

É PRECISO UNIFICAR AS CATEGORIAS EM LUTA num grande dia nacional de mobilizações

ANDRÉ FREIRE,
da Direção Nacional do PSTU

As centrais sindicais e os movimentos sociais mais importantes do país confirmaram o dia 14 de agosto como um dia nacional e unificado de lutas. As bandeiras serão a defesa do emprego, a redução da jornada de trabalho sem redução salarial e a defesa dos salários e direitos dos trabalhadores.

Dia 30 de maio

POLÊMICAS

Existe uma importante discussão sobre a dimensão das atividades a serem realizadas. A Conlutas, apoiada por outras organizações, defendeu um dia de paralisações em todas as bases onde houvesse condições para tal. Não houve acordo sobre isso por parte das demais centrais, e o que ficou acertado foi realizar um dia de luta com manifestações de rua e também paralisações. Cada organização definirá a forma das atividades que impulsionará.

A Conlutas propôs também que fosse divulgada uma nota centrada nas bandeiras definidas por consenso, já que a análise da atuação do governo frente à crise não é comum entre as centrais. No entanto, não houve acordo.

A entidade reafirmou sua disposição de garantir a unidade, mas distribuirá sua própria nota e não assinará o documento defendido pela maioria das centrais.

DIA DE LUTA CONTRA O GOVERNO E OS PATRÕES

As divergências que surgiram na preparação dessa jornada refletem a disputa sobre o caráter dos protestos. A Conlutas e outros setores combativos defendem um processo de lutas que, além de combater os capitalistas e sua ofensiva, enfrente também o governo Lula, que tem sido um aliado fundamental dos patrões.

CUT, Força Sindical, CTB e demais centrais governistas estão presas aos seus compromissos com o governo e tentam limitar o dia 14 de agosto a um protesto contra os patrões, isentando Lula de sua responsabilidade.

A unidade de ação para um grande protesto no dia 14 de agosto tem enorme importância para fazer avançar a luta dos trabalhadores, apesar das diferenças entre as nossas organizações. Por isso, é nossa obrigação impulsionar toda mobilização possível nessa data. Mas, da mesma forma, temos que disputar o caráter das manifestações, buscando transformá-las em um verdadeiro dia nacional de lutas, contra os patrões, o governo Lula e os seus aliados nos estados e municípios.

UNIFICAR LUTAS DAS CATEGORIAS MOBILIZADAS

Estamos no início das campanhas salariais dos metalúrgicos, petroleiros, funcionários dos Correios e bancários. Continuam ainda as mobilizações dos servidores municipais e as lutas dos diversos movimentos populares, como o MTST.

Ao mesmo tempo em que precisamos cercar de solidariedade as lutas em curso, vamos buscar garantir que todas elas desemboquem numa grande mobilização nacional no dia 14 de agosto.

Neste sentido, propomos a todos os setores do movimento que, após a realização do dia 14 de agosto, seja construído um dia nacional unificado de greves de todas as categorias em luta e em campanhas salariais.

A Conlutas já está na vanguarda da construção do dia 14 de agosto. Para intensificar sua preparação na base, irá publicar um boletim nacional para ajudar na massificação da convocação e, ao mesmo tempo, ajudar a difundir as bandeiras defendidas pela Conlutas. Esse jornal estará na reunião da Coordenação Nacional que acontecerá no Rio de Janeiro, nos dias 25 e 26 de julho.

INSS

GREVE ENFRENTA REPRESSÃO DO GOVERNO E DA JUSTIÇA

PAULO BARELA,
da Direção Nacional do PSTU

A greve no INSS foi mais um capítulo na história de luta dos servidores federais em defesa de suas conquistas. Desta vez, a batalha foi contra a ampliação da carga horária de 30 para 40 horas semanais e a aplicação da avaliação de desempenho. A "prova" incentiva a competição entre os servidores e prejudica o trabalho coletivo em uma das áreas mais sensíveis da administração pública, a do seguro social.

Por outro lado, o regime de 30 horas semanais é uma conquista da categoria há mais de duas décadas. Os trabalhadores não aceitaram o rebaixamento de suas conquistas históricas e, por isso, se dispuseram a enfrentar tanto o governo como a justiça dos ricos.

O Ministério da Previdência e o governo Lula se utilizaram de um erro crasso da maioria da direção da Fenasps (Federação Nacional dos Sindicatos dos Trabalhadores em Saúde, Trabalho, Previdência e Assistência Social). Ela assinou um acordo salarial incluindo a criação de um grupo de trabalho – composto por representações do governo e dos trabalhadores – cujas atribuições permitiam também o debate em torno da manutenção ou não da atual jornada de trabalho.

Na época, os militantes do PSTU alertaram as direções do C-Sol e MTL sobre o erro político que estavam cometendo e se colocaram contra a assinatura do acordo. Este, apesar de assinado, acabou sendo rechaçado em várias assembleias de base, inclusive em São Paulo.

LULA CONTRA A POPULAÇÃO E OS SERVIDORES

As medidas do governo visam apenas dificultar ainda mais as concessões de benefícios aos mais necessitados. Esse governo, que posa de "defensor dos pobres", chamou a Justiça burguesa para atacar os trabalhadores grevistas. Esta, além de julgar a greve ilegal e abusiva, decretou "interditos proibitórios" e multas contra os sindicatos, além de tentar impor o desconto dos dias parados e ameaças de demissão.

Em alguns piquetes, os ativistas sofreram forte repressão e foram espancados pelas Polícias Militar e Federal. Nem FHC reprimiu tão pesadamente uma greve de trabalhadores do funcionalismo.

ACORDO E FIM DA GREVE

Depois de quase 30 dias de greve, o governo, através da liderança na Câmara dos Deputados, concordou em suspender por 90 dias os ataques e instalar o grupo de trabalho, além de se comprometer com a anistia dos dias parados. Não há garantia nenhuma de cumprimento do acordo, mas, sem outra perspectiva, as assembleias votaram o retorno ao trabalho no dia 16 de junho.

O companheiro Márcio, militante do PSTU, do comando de greve e da direção do Sinsprev-SP, sintetizou o movimento dessa forma: "Foi uma greve radicalizada, com uma pauta extremamente política e que se enfrentou com um aparato repressivo inédito. A categoria lutou bravamente, surgiu uma nova coluna de jovens ativistas que demonstrou muita disposição; se não derrotamos o governo, fica o exemplo de luta e a possibilidade da retomada do movimento, se o governo não honrar o que foi acordado".

O Comando Nacional de Greve votou um calendário de luta (aprovado nas assembleias), que aponta a retomada da greve se as reivindicações e as conquistas históricas da categoria não forem contempladas durante os 90 dias previstos para os debates no grupo de trabalho.

- Não às criminalizações dos movimentos sindical, popular e estudantil;

- Nenhuma punição aos trabalhadores do INSS;

- Manutenção da jornada de 30 horas semanais;

- Atendimento das reivindicações já!

Nota de apoio do PSTU à greve do INSS

UM TIPO DE PARLAMENTAR BEM DIFERENTE

EDUARDO ALMEIDA,
da Direção Nacional do PSTU

A ideia que o povo tem dos políticos é a de safados e corruptos que querem apenas assaltar os cofres públicos. Não se trata de preconceito, mas de uma longa experiência com a democracia burguesa e seus partidos. A crise atual do Senado é mais uma demonstração disso. Sarney faz o que faz e segue presidindo a instituição, não só porque o governo o sustenta, mas porque a maioria absoluta dos senadores é tão corrupta quanto ele.

No entanto, é errado negar a luta política por conta desses exemplos. É preciso rejeitar a política burguesa e seus partidos e construir outro tipo de luta política, ligada às mobilizações dos trabalhadores, sem envolvimento com a corrupção. É importante ter parlamentares que sejam distintos deste tipo de políticos burgueses.

O PSTU, como todos sabem, privilegia a luta direta dos trabalhadores e não as eleições. Mas também participa das eleições e busca eleger parlamentares revolucionários que possam ocupar um espaço na democracia burguesa, utilizando o mandato para fortalecer a luta direta dos trabalhadores, divulgar o programa socialista e denunciar a própria democracia burguesa e o parlamento.

É possível ter outro tipo de parlamentar?

Este tipo de parlamentar é oposto aos que existem por aí. Para começar, ainda como candidatos, assinam um protocolo, se comprometendo com os critérios definidos pela III Internacional para os parlamentares, que são os seguintes:

1 O mandato que porventura vier a ser conquistado é do partido e não do candidato. Foi obtido em base à política definida pelo partido e pela atividade concreta da militância e não só do candidato.

2 O parlamentar eleito terá seu mandato completamente centralizado pelo partido. Como figura pública, deverá ter mais deveres e não direitos a mais.

3 Todos os rendimentos recebidos pelo parlamentar não pertencem a ele, mas ao partido. Ele receberá um salário definido pelo partido, semelhante ao que recebia antes como trabalhador. Assim, não terá ascensão social individual, como ocorre com todos os outros parlamentares.

Trata-se de um parlamentar que não vai "se arrumar", ganhar dinheiro e mudar de vida.

UM EXEMPLO DE PARLAMENTAR REVOLUCIONÁRIO

Ao longo dos 15 anos, o PSTU teve vários parlamentares e espera eleger outros nas próximas eleições. Ernesto Gradella é um deles e simboliza todos os restantes. Não por acaso, depois de ter sido parlamentar por anos, não mudou de vida e segue participando de todas as lutas dos trabalhadores na região de São José dos Campos. É um revolucionário socialista que cumpriu uma tarefa no parlamento e depois continuou sendo o mesmo militante de sempre.

Um dos episódios mais famosos de Gradella foi durante a votação do impeachment de Collor. A população acompanhou a votação, parlamentar por parlamentar. A política geral do PT era a deposição de Collor, mas que Itamar tomasse posse, para não abalar mais o regime. Gradella, em nome da Convergência Socialista, votou pelo impeachment. Em sua declaração, se colocou contrário à posse de Itamar, defendendo eleições gerais no país.

Ernesto Gradella, 1986. São Paulo

O que você fazia antes de ser eleito?

Gradella - Depois de formado em Engenharia, arrumei um emprego em São José dos Campos, cidade em que eu nunca tinha estado antes. Aqui, o partido tinha três militantes, com os quais passei a atuar. O ano era 1978, ano da luta pela Anistia Ampla Geral e Irrestrita.

Em 1979, o clima de greve nas fábricas metalúrgicas era muito grande e nos jogamos com tudo para organizar a mobilização, convocando a assembleia da campanha salarial, apesar de o sindicato local ser dirigido por um pelego já há 25 anos. Um companheiro nosso conseguiu aprovar a greve e, apesar dos pelegos terem fugido, a paralisação durou cinco dias e deu origem à oposição sindical metalúrgica.

A Convergência Socialista se fortaleceu no setor. Nesse mesmo período, nossa atuação foi construir o PT na cidade e região. Fruto dessas lutas e do ascenso do movimento operário no país e na região, nas eleições de 1982, fui um dos dois vereadores eleitos pelo PT em São José dos Campos para um mandato que iria de 1983 a 1988. A orientação do partido para o mandato foi usá-lo nas lutas dos trabalhadores contra o peleguismo e por melhores condições de vida.

Além de ser vereador, comecei a dar aulas de Matemática e Física como professor da rede estadual. Foi também uma atividade importante, pois nesse período os professores protagonizaram lutas que reuniam milhares de pessoas em mobilizações e greves estaduais e pude atuar não só como vereador, mas também como categoria.

> **A linha do partido sempre foi colocar o mandato à disposição das lutas dos trabalhadores. Procurávamos sempre estar presentes nas mobilizações e greves das diversas categorias**

E o mandato de deputado, como veio?

Gradella - Em 1986, fui o candidato da CS no estado para deputado federal constituinte e fiquei como segundo suplente de Luiza Erundina. Fui reeleito vereador em 1988. Em 1989, assumi por dez meses como deputado em Brasília, pois a eleição de Erundina para prefeita de São Paulo abriu essa oportunidade. O vice dela, Luiz Eduardo Greenhalg, era o primeiro suplente. Voltei ao mandato de vereador até ser eleito deputado federal em 1990.

Em 1992, participamos do impeachment do Collor. A CS é expulsa do PT. Durante um período, chegamos a ter dois deputados em Brasília, quando o Cyro Garcia assumiu como suplente do Rio de Janeiro. Em 1994, participamos da fundação do PSTU.

Como foi a campanha?

Gradella - Todas as nossas campanhas foram feitas pela militância aguerrida da CS, que agrupava também uma grande periferia. Existiam muitas lutas nesse período e nossas campanhas sempre estavam coladas a essas lutas. Nunca conseguimos caracterizar com segurança se seríamos ou não eleitos, mas isto nunca interferiu no ânimo dos companheiros.

No parlamento, como era a sua atuação? Quem discutia as suas ações, como eram definidas?

Gradella - A linha do partido sempre foi colocar o mandato à disposição das lutas dos trabalhadores. Procurávamos sempre estar presentes nas mobilizações e greves das diversas categorias, que eram muito frequentes naquele período. Nossas ações sempre foram discutidas dentro do partido, na direção regional quando vereador e depois pelos companheiros que faziam nossa assessoria na Câmara dos Deputados, indicados pela Direção Nacional.

Que projetos você apresentou?

Gradella - Como deputado federal, foram vários projetos que tratavam da política salarial do período, além de outros que suspendiam o pagamento da dívida externa, contra o programa de privatização das estatais, impedindo o "afastamento para apuração de falta grave" de dirigentes sindicais, cipeiros e todos trabalhadores que tivessem estabilidade garantida em lei. Este projeto foi aprovado e vetado pelo então presidente FHC. Na época, nossa maior luta foi contra a privatização da Embraer. Inclusive aprovamos na Câmara um projeto que retirava a Embraer do programa de privatização, mas não chegou a ser votado no Senado.

RIO DE JANEIRO: UM ATO MARCADO PELA EMOÇÃO

LUCIANA CANDIDO, da Redação

Marcado por uma emoção muito grande do início ao fim. Assim foi o ato comemorativo dos 15 anos do PSTU no Rio de Janeiro no dia 9 de julho, na Faculdade Nacional de Direito da UFRJ. Militantes e ex-militantes, representantes de outras organizações, ativistas e simpatizantes do partido formaram a plateia de cerca de 400 pessoas que homenagearam nossa organização.

O ato foi aberto com a exibição do documentário *Meu Partido é Assim*. Ainda no início, Cyro Garcia fez uma breve fala denunciando o golpe militar em Honduras. O gesto demonstrou o caráter internacionalista do partido.

Em seguida, formou-se a mesa com Vera Nepomuceno, professora e diretora do Sepe-RJ, e Rafael Duarte, da Juventude do PSTU. Três homenageados foram chamados a compor a mesa: Cyro Garcia, Teresa Bastos e Ernesto Gradella. Representando a direção nacional estava Eduardo Almeida. Ele resgatou a história, os princípios e o programa do PSTU.

Uma outra mesa simbólica foi formada com alguns companheiros já falecidos. Nahuel Moreno, fundador da Liga Internacional dos Trabalhadores, abriu uma lista ao mesmo tempo triste, por não termos mais os camaradas, e também de orgulho, por terem feito parte dessa história.

Chico Alencar, deputado federal, falou representando o PSOL. O PCB levou uma delegação ao ato e leu uma mensagem de Ivan Pinheiro, presidente do partido. Reage Socialista – Grupo Fundador, APS e Instituto de Defesa dos Direitos Humanos também enviaram representantes.

HOMENAGENS

Um dos pontos altos foi, sem dúvida, a homenagem a três importantes companheiros presentes. Eles receberam placas, flores e viram sua trajetória em pequenos vídeos preparados especialmente para o ato.

Cyro Garcia foi lembrado pelos seus mais de 30 anos de militância que se confundem com a história da corrente. Ele foi deputado federal nos anos 1990, cumprindo um mandato a serviço da classe trabalhadora. Já foi presidente do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro e hoje é a principal figura pública e a cara do PSTU no Rio.

Ernesto Gradella também foi lembrado pela sua atuação revolucionária no parlamento e pelo papel de destaque que cumpriu na construção do partido. Em especial, foi ressaltado o seu papel durante a votação do impeachment de Fernando Collor.

Teresa Bastos foi fundadora do partido, membro da direção regional do Rio e da direção nacional do partido. Militou no movimento estudantil e no movimento sindical, destacando-se na organização e construção do partido. Um grave problema de saúde impede que ela hoje se dedique como antes. Mas, como diz a carta entregue a ela, *"a sua história serve para que todos os dias os militantes atuem com rigor e preocupação com a atividade partidária, tanto na organização quanto nos debates políticos"*.

Teresa tentou falar após a homenagem, mas a emoção não permitiu que terminasse. *"Foi muito emocionante, eu não esperava, porque homenagear alguém que está vivo é muito diferente, tem outra importância"*, disse.

PALIKURAPHOTO_WYZ

Mesa do ato em comemoração aos 15 anos do PSTU no Rio de Janeiro. Abaixo, Teresa Bastos recebe homenagem

PALIKURAPHOTO_WYZ

ARACAJU (SE)

ZECA OLIVEIRA, de Aracaju (SE)

"Contar a história do PSTU é contar a história das lutas dos trabalhadores deste país". Assim foi aberta a atividade que comemorou os 15 anos do partido em Aracaju (SE). No auditório da sede do Sindipetro-AL/SE estiveram presentes, além da militância, simpatizantes e amigos do partido, lideranças de sindicatos e oposições sindicais combativos do estado. No total, cerca de 80 pessoas participaram da festa. O Partido Comunista Brasileiro (PCB) também marcou presença na noite de 7 de julho.

Após a exibição do vídeo *Meu Partido é Assim*, foram convidados à mesa representantes da Conlutas, Sindicato dos Petroleiros, Sindicato dos Trabalhadores da Educação Não-Docentes, Associação dos Moradores da Ocupação 5 de Agosto e oposições sindicais dos trabalhadores do Fisco e da saúde. *"O PSTU sempre foi um aliado e esteve conosco nas lutas"*, lembrou Pedrão, dirigente do Sindipetro AL/SE.

O partido atua em Sergipe desde a fundação, em 1994. Durante essa trajetória, os militantes do PSTU estiveram presentes em grandes lutas, como as greves petroleiras, as lutas do setor têxtil e a greve dos trabalhadores do cimento. Em 2008, a juventude entrou em cena.

"O que queremos é o socialismo (...) Lutamos pelo direito de sonhar. Lutamos pela felicidade", resumiu Karen Walesca, militante da juventude.

BELÉM (PA)

ANA AUGUSTA, de Belém (PA)

Em 3 de julho, o PSTU comemorou seus 15 anos em Belém com um grande ato-festa. Cerca de 300 pessoas marcaram presença no evento que contou com a participação de mais de 100 operárias e operários da construção civil. Para Cléber Rabelo, da direção nacional do partido e membro do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, "estamos comemorando o aniversário de uma corrente que há 35 anos se manteve fiel à bandeira do socialismo e hoje segue no PSTU".

Saudaram o partido representantes do PSOL e do MST. Foram lembrados, também, companheiros antigos, ex-militantes e várias pessoas que saíram de Belém para militar em outras regionais. Socorro Aguiar leu a carta de saudação de Conceição Menezes, histórica militante de nossa organização em Belém e hoje em São Paulo, *"dos 35 anos de nossa corrente, existimos há 28 em Belém, quando um grupo de jovens secundaristas ousou construir uma organização que fosse além das lutas imediatas"*.

Também marcou a festa a homenagem de um trabalhador da construção civil chamado Madruga, recitando um poema, e também os parabéns ao ritmo da Internacional. O espaço foi decorado com temas que lembram o partido: fotos das lutas, mural de poesias, mural de jornais antigos e banca com livros revolucionários.

MANTER AS MOBILIZAÇÕES ATÉ DERROTAR OS GOLPISTAS!

Nestas três semanas, o povo trabalhador hondurenho vem mostrado uma força histórica. Dezenas de milhares participam da resistência contra o golpe de estado, suportando a repressão e a perseguição.

Como diz o comunicado de 19 de julho da Frente Nacional Contra o Golpe de Estado, os golpistas efetuaram "quatro assassinatos, 1.158 detenções ilegais, ameaça e perseguição a representantes do movimento social; 14 meios de comunicação, 14 jornalistas e quatro organizações sociais sofrem com atentados à liberdade de expressão". Além disso, sofrem com as intimidações diárias nos centros de trabalho, nas colônias e nos centros de estudo, além da furiosa campanha anticomunista dos jornais golpistas e a quase totalidade dos canais de televisão.

No entanto, o povo hondurenho continua resistindo e fazendo história. Ainda que o massacre no aeroporto de Toncontín e a primeira rodada de negociações na Costa Rica tenham produzido impasse e confusão, o movimento popular foi recuperando confiança e força. Novos setores também foram se incorporando.

Os trabalhadores da educação são a coluna vertebral da luta urbana, reunindo ao redor deles outros funcionários do estado, camponeses e populares. Durante os dias 15 e 16 de julho, vários bloqueios de estradas pelo país atingiram em cheio os empresários golpistas, impedindo suas exportações. O problema, porém, é a negligência das centrais operárias para convocar uma greve geral.

É necessário entender neste momento o papel do imperialismo norte-americano no país. Os principais personagens golpistas civis e militares foram construídos pelo imperialismo ianque nos anos 80, durante a "guerra suja", e também na época neoliberal. A embaixada norte-americana estimulou permanentemente a dissidência contra Manuel Zelaya, mas sua estratégia fundamental foi sempre o desgaste eleitoral e a chantagem. No entanto, quando a extrema-direita hondurenha, confiante no apoio dos EUA, executou o golpe de estado, o governo Obama não saiu em apoio aberto. Essa situação contraditória desembocou no isolamento internacional dos golpistas, apesar de a ação contar com praticamente toda a elite hondurenha.

Frente a esta situação, o governo imperialista procura uma velha figura de sua confiança: Oscar Arias Sánchez, presidente da Costa Rica, diretamente colocado como "mediador" pelo departamento de Estado dos EUA. O "Plano Arias" (2) teria o objetivo de estabilizar a situação de conflito aberta pelo golpe. Apesar de o Plano Arias propor a restituição de Zelaya à presidência, seus outros pontos tentam evitar a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte. Além disso, tenta garantir a impunidade dos golpistas e a preservação de toda a corrupta institucionalidade que preparou o golpe (Corte Suprema, Tribunal Supremo, Forças Armadas, Comissão de Direitos Humanos etc).

No meio de uma situação estranha, onde nem o golpe se consolidava, nem o movimento popular conseguia expulsar os golpistas, foi levada adiante a segunda rodada de negociações na Costa Rica, onde se apresentaram os sete pontos do Plano Arias.

Desta vez, a delegação que representava Zelaya aceitou os pontos, abandonando bandeiras fundamentais levantadas pela Frente Nacional Contra o Golpe de Estado, como a Constituinte. E ainda aceitava a impunidade dos golpistas e a preservação da cúpula militar. Essa posição de Zelaya entregava na mesa de negociação os motivos pelos quais se produziu a resistência popular.

Apesar disso, as conversas não chegaram a um termo comum. Isso é resultado das exigências do setor mais direitista, que não quer o retorno de Zelaya, mas garantias para as Forças Armadas e os golpistas civis.

Nesse sentido, é muito importante que a Frente Nacional de Resistência Contra o Golpe de Estado adote uma clara linha de independência de Zelaya, não só denunciando o papel de Arias, mas também exigindo a ruptura do presidente deposto com as negociações e o plano.

Está em mãos do movimento popular manter a luta de rua e, sobretudo, garantir uma paralisação cívica nacional para derrotar os golpistas, garantir seu julgamento e castigo e derrubar as velhas instituições através da convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, livre e soberana.

- Restituição incondicional de Zelaya!

- Organizar e preparar a paralisação cívica nacional até a derrota dos golpistas!

- Julgamento e castigo dos militares e civis que organizaram o golpe e reprimem o povo!

- Liberdade para todos os presos políticos! Abaixo a repressão golpista!

- Ruptura imediata com as negociações da Costa Rica! Abaixo o Plano Arias!

- Só o povo mobilizado pode garantir a Assembleia Constituinte livre e soberana!

- Manter e aprofundar a solidariedade internacional com o povo hondurenho!

- Boicote comercial e diplomático até que caiam os golpistas!

Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI)

WWW.PSTU.ORG.BR

Leia a reportagem "Dois dias em Honduras" sobre as mobilizações dos dias 15 e 16